

Soc:30

2006



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS (FLCS)  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA  
LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

**Representações sociais em torno do cemitério: estudo de caso  
sobre as crianças vendedoras de água no cemitério São José de  
Lhanguene**

**Supervisor:  
Dr. João Nabote Chuaio**

**Autora:  
Lina Paciência Zacarias Fiosse**

**Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau  
de Licenciatura em Sociologia pela Universidade Eduardo Mondlane**

**Maputo, 29 de Março de 2006**



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS (FLCS)  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA  
LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

Representações sociais em torno do cemitério: estudo de  
caso sobre as crianças vendedoras de água no cemitério São  
José de Lhanguene

Supervisor:

Dr. João Nabote Chuaio



Autora:

Lina Paciência Zacarias Fiosse

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção  
do grau de Licenciatura em Sociologia pela Universidade  
Eduardo Mondlane

Maputo, 29 de Março de 2006

U.E.M. - UPIOS
R. E. 4922
DATA 26/09/06
AQUISIÇÃO oferta
GOTA SOC-30

## ÍNDICE

Declaração.....	I
Dedicatória.....	II
Agradecimentos.....	III
Lista de abreviaturas.....	IV
Resumo.....	V
Introdução.....	01
<b>Capítulo 1</b>	
1. Representações socialmente construídas em torno da morte e do cemitério e em torno da relação criança e cemitério.....	03
<b>Capítulo 2</b>	
2. Problemática.....	10
2.1. Hipóteses.....	14
2.2. Objectivos.....	14
2.3. Justificativa.....	14
<b>Capítulo 3</b>	
3. Contextualização da actividade de venda água por crianças no cemitério de Lhanguene.....	17
<b>Capítulo 4</b>	
4. Quadro teórico-conceptual.....	20
4.1. Quadro teórico.....	20
4.2. Análise dos conceitos.....	23
<b>Capítulo 5</b>	
5. Metodologia.....	28
<b>Capítulo 6</b>	
6. Apresentação e discussão dos resultados.....	31

**Capítulo 7**

7. Conclusão.....	42
Bibliografia.....	45
Anexos.....	48

## DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, **Lina Paciência Zacarias Fiosse**, declaro por minha honra que este trabalho nunca foi apresentado no seu conteúdo para a obtenção de qualquer grau académico, constituindo essencialmente o resultado da pesquisa individual, estando incluídas no texto as fontes bibliográficas usadas para a concretização do mesmo.

Maputo aos 29 de Março de 2006

(Lina Paciência Zacarias Fiosse)

Lina Paciência Zacarias Fiosse

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Zacarias Salvador Fiosse e Evelina Casimiro Gulela.

Aos meus irmãos (Sidónia, Zaca e Hélder) e sobrinhos.

Em especial à memória do meu irmão Cabral.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu supervisor Dr. João Nabote Chuaio pelo incansável apoio e encorajamento contínuos na pesquisa.

Agradeço aos meus pais, pois eles são a razão da minha vida, à minha irmã Sidónia pela força e encorajamento durante a minha carreira estudantil.

Ao meu namorado, Justino Gilberto, pelo carinho e por ter estado sempre presente nos momentos da minha formação.

Aos meus colegas e amigos do curso de Sociologia (Ana, Palmira, Célio, Elton, Filipe) pelo apoio que me concederam na realização das entrevistas para a presente pesquisa.

Ao Administrador do Cemitério, pela informação que me forneceu a respeito do Cemitério e por ter me acompanhado sempre que precisei do seu apoio.

Agradeço, em especial, às crianças vendedoras de água por terem dispensado parte do seu tempo para responder às entrevistas.

Ao corpo docente do Curso de Sociologia (em especial ao Prof. Doutor Elísio Macamo, pelo acompanhamento e críticas construtivas que fez ao trabalho) e a todos quanto contribuíram na minha formação.

**Os meus profundos agradecimentos.**

## Lista de abreviaturas

**MMCAS** – Ministério da Mulher e Coordenação da Acção Social

**UNICEF** – Fundo das Nações Unidas para a Infância.



## RESUMO

O presente trabalho visa descrever as representações que as crianças vendedoras constroem em torno do cemitério.

Tomando em consideração que as representações sociais são imagens, ideias, noções, a partir das quais os actores sociais pensam sobre uma determinada realidade, o argumento central do trabalho consiste no seguinte: em função da familiarização com o cemitério e das actividades praticadas no cemitério, as crianças constroem outras representações sobre o cemitério.

Prosseguindo com o propósito do trabalho, com base na observação e nas entrevistas, constatamos dois níveis de percepção a partir dos quais as crianças vendedoras de água constroem representações em torno do cemitério.

O primeiro nível a partir do qual as crianças representam o cemitério diz respeito às interpretações socialmente construídas e difundidas sobre o cemitério. As crianças partilham da sociedade a noção de que o cemitério é um lugar sagrado e que por esse facto devia ser respeitado. É um lugar onde são enterrados os mortos e, portanto, representa lugar de dor e sofrimento para as pessoas que vão enterrar os seus familiares e visitar as campas.

O segundo nível a partir do qual as crianças constroem representações sobre o cemitério tem a ver com a familiarização com o cemitério, por um lado, e com as actividades que realizam dentro do cemitério, nomeadamente: vender água, lavar e pintar campas, plantar relva e cuidar das plantas existentes nos vasos que se encontram sobre as campas. Neste nível, as crianças consideram o cemitério como sendo local de trabalho; uma fonte de rendimento; lugar onde, nos tempos livres, se pode brincar, conversar e até trocar gracinhas.

Em função dos resultados do trabalho de campo pode-se concluir que para além das representações socialmente construídas em torno do cemitério, as crianças vendedoras de água constroem outras representações em função das actividades que praticam, por um lado, e em função da familiarização com o cemitério, por outro lado.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho, cujo título é “ **Representações sociais em torno do cemitério: estudo de caso sobre as crianças vendedoras de água no Cemitério de Lhanguene**” procura discutir o fenómeno das crianças vendedoras de água no cemitério de Lhanguene à luz da Sociologia, em particular a partir da teoria das representações sociais.

O estudo ocupa-se do fenómeno da venda de água no cemitério por crianças. A preocupação central consiste em saber: por que razão, apesar do cemitério ser socialmente considerado lugar de dor e tristeza e não adequado às crianças, constatamos a sua presença (a vender água) no cemitério de Lhanguene? Que representações as crianças vendedoras de água constroem em torno do cemitério?

O objectivo principal do trabalho consiste em descrever as representações que as crianças vendedoras de água constroem em torno do cemitério.

Sendo o objectivo do trabalho descrever as representações (ideias, imagens, noções) que as crianças constroem em torno do cemitério, recorreremos à teoria das representações como suporte teórico.

O argumento central do trabalho é o de que as crianças vendedoras de água, em função das actividades que praticam, por um lado, e da familiarização com o cemitério, por outro, constroem outras representações sobre o cemitério, isto é, diferentes das socialmente construídas. Para aquelas crianças, o cemitério não representa apenas o lugar onde se enterram os mortos, lugar onde se pode visitar as campas e que envolve todo um cerimonial que precisa de ser seguido. O cemitério representa, para as crianças, o local de trabalho, lugar onde podem brincar e conversar.

De forma a estudarmos melhor o objecto, dividimos o trabalho em sete capítulos. O primeiro capítulo compreende a revisão da literatura. Esta, para além de outros aspectos, contém a descrição das representações socialmente construídas em torno da morte e do cemitério, por um lado, e da relação criança e cemitério, por outro.

No segundo capítulo apresentamos a problemática. Esta contém, as perguntas de pesquisa, as hipóteses, os objectivos e a justificativa.

O terceiro capítulo foi reservado à apresentação da contextualização. Esta versa essencialmente sobre a descrição do contexto em que surgiu a actividade da venda de água por parte das crianças.

O quarto capítulo foi dedicado a apresentação da teoria que atravessa o trabalho no seu todo, a discussão dos principais conceitos, designadamente os conceitos de representações sociais, familiarização e criança vendedora de água.

Ao quinto capítulo reservou-se a apresentação da metodologia, isto é, o tipo de pesquisa, os instrumentos utilizados na recolha dos dados, bem como a amostra do trabalho.

O sexto capítulo destina-se à apresentação e discussão dos resultados da pesquisa. Começa com a apresentação dos fenómenos correntes no cemitério de Lhanguene. Aqui descrevemos as actividades exercidas no cemitério de Lhanguene, bem como as estratégias adoptadas pelos seus praticantes para angariar clientes. Em seguida apresentamos, por um lado, a descrição da relação entre as crianças e os utentes no processo da venda e compra de água e, por outro, a atitude das crianças em relação ao comportamento socialmente considerado ideal no cemitério. Finalizamos o capítulo descrevendo as representações que as crianças constroem em torno do cemitério.

O último capítulo ficou reservado à apresentação das conclusões do estudo. Nele damos mais ênfase às representações construídas pelas crianças em torno do cemitério, tomando em consideração as hipóteses e os objectivos que norteiam o trabalho.

## 1. Representações socialmente construídas em torno da morte e do cemitério e em torno da relação criança e cemitério

De forma a darmos uma base de sustentação à problemática que levantamos, reservamos este capítulo para apresentar a literatura<sup>1</sup> que aborda a forma como a morte e o cemitério, por um lado, e a relação criança e cemitério, por outro, são socialmente interpretados.

Em Moçambique existem dois conjuntos de normas<sup>2</sup>. Um dos quais tem a ver com as normas sociais que regulam o comportamento dos homens cuja origem e razão de ser se encontra nos valores culturais. Segundo Tylor<sup>3</sup>, a cultura compreende todo complexo constituído por conhecimento, crenças, arte, moral, costumes e todos outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade. Este conjunto de normas é designado por normas costumeiras.

Segundo Mejia et al<sup>4</sup>, o outro conjunto de normas é expresso na lei<sup>5</sup>.

A descrição que em seguida vamos apresentar (sobre a forma como a morte e o cemitério, por um lado, e a relação entre cemitério e criança, por outro, são socialmente interpretados), enquadra-se no primeiro conjunto de normas, isto é, nas normas costumeiras.

Em Moçambique, no quadro dos valores culturais emanados das normas costumeiras, é comum a crença segundo a qual as crianças não devem frequentar ao cemitério. Segundo Junod<sup>6</sup>, a interdição das crianças ao cemitério é extensível para situações em que o falecido seja um familiar ou um conhecido. Esta crença tem muito a ver com a forma como a morte é socialmente representada ou concebida entre os vários grupos linguísticos moçambicanos. Em outras palavras, a relação entre criança e cemitério, na sociedade moçambicana, é interpretada em função das ideias, crenças e valores que são construídos<sup>7</sup> em torno da morte.

---

<sup>1</sup> Para fazer face à exiguidade de informação escrita sobre o assunto, incluímos transcrições das entrevistas exploratórias.

<sup>2</sup> Margarida Mejia et al (2004). Não Sofrer Caladas. Violência Contra Mulheres e Crianças: denúncia e gestão de conflitos, 20.

<sup>3</sup> Edward Tylor, citado por Lakatos e Marconi (1999). Sociologia Geral, 131.

<sup>4</sup> Margarida Mejia et al (2004). Não Sofrer Caladas. Violência Contra mulheres e Crianças: denúncia e gestão de conflitos, 20.

<sup>5</sup> Segundo Biesanz e Biesanz (1972), as leis são regras de comportamento formuladas deliberadamente e impostas por uma autoridade especial.

<sup>6</sup> Henry Junod (1996). Usos e Costumes dos Bantus, 139.

<sup>7</sup> Construção social da realidade em Berger e Lukmann (1985).

Apesar de haver especificidades, como teremos a oportunidade de demonstrar mais adiante, na forma como cada grupo linguístico faz a sua interpretação sobre o fenómeno morte, eles coincidem em dois aspectos fundamentais: por um lado, a crença na ideia segundo a qual a morte cria impureza tanto para os membros da família do falecido assim como para os membros da comunidade onde residia. Essa é a razão pela qual se recorre às cerimónias de purificação de modo a que a família ou a comunidade volte a viver sem a impureza causada pela morte. Por outro lado, a interdição das crianças a frequentar aos cemitérios para assistir aos funerais.

Em seguida passamos a fazer a descrição das ideias, crenças e valores construídos, em cada grupo linguístico<sup>8</sup>, em torno da morte e do cemitério.

Segundo Henry Junod<sup>9</sup>, entre os Rongas e Changanas, a morte é vista como algo impuro e que pode contaminar às demais pessoas, quer familiares do falecido ou não. Dai a necessidade de se recorrer a vários ritos de purificação (por exemplo, a purificação da aldeia, dos instrumentos de trabalho que o falecido usava em vida, a purificação das suas machambas, etc.).

Ex.: «... se aparecem visitas não lhes é permitida a entrada na aldeia. É preciso que permaneçam "puros" durante, pelo menos, dois dias. (...). Se há estrangeiros na aldeia, no momento da morte, escapam-se depressa, para evitar a poluição. Doutro modo, seriam obrigados a tomar parte nas cerimónias purificadoras dos dias seguintes»<sup>10</sup>

Apesar de concordarmos com a descrição feita por Junod sobre as crenças e práticas (dos Rongas e Changanas) relativas ao fenómeno morte, gostaríamos de abrir um parêntese e tecermos o comentário seguinte:

Junod realizou a pesquisa há aproximadamente 50 anos. Portanto, com o passar do tempo algumas das cerimónias de purificação já não são realizadas, principalmente no meio urbano. Por exemplo: já não constitui uma prática comum incinerar a palhota do falecido, inutilizar ou deitar fora os utensílios que vinha usando em vida.

<sup>8</sup> Baseamos-nos no critério linguístico para fazer a descrição das crenças em torno da morte e do cemitério, por ser este o critério de classificação usado pelos autores, que trataram do assunto, para fazer a tipologia das sociedades em Moçambique. Por exemplo quando consideram os macuas como fazendo parte duma sub-sociedade dentro da sociedade moçambicana.

<sup>9</sup> Henry Junod (1986). Usos e costumes dos Bantus, 135.

<sup>10</sup> Ibidem, 136.

Segundo os nossos entrevistados<sup>11</sup>, entre as cerimónias de purificação, a mais antiga que prevalece na actualidade é aquela que consiste em lavar as mãos após a participação num enterro ou após a visita ao cemitério.

Ainda segundo os nossos entrevistados e informantes-chave, na actualidade, a crença segundo a qual as crianças não devem assistir aos funerais é compartilhada pela maioria da sociedade.

Sem se restringir ao estudo dos Rongas e Changanas, Junod (1986) também fez pesquisa sobre usos e costumes de todos os grupos linguísticos que designou por Tsonga<sup>12</sup>.

Segundo Henry Junod<sup>13</sup>, entre os Tsongas, a morte (“lifu”, “rifu”) não se resume apenas num acontecimento triste, numa grande ocasião de dor pela perda do defunto, mas constitui uma origem terrível de contaminação que põe todos os objectos e todas as pessoas que estiverem em contacto com o morto, todos os parentes, mesmo os que vivem longe, num estado de impureza. Prossegue Junod, esta impureza é, com efeito, muito perigosa, pode matar se não for convenientemente tratada.

O grupo linguístico Bitonga, localizado ao sul da Província de Inhambane, parece não fugir muito à regra do grande grupo Tsonga. Na monografia<sup>14</sup> sobre o grupo linguístico Bitonga, a norma da interdição das crianças ao cemitério<sup>15</sup> está bem patente. Normalmente quando se trata de casos de morte, as crianças são levadas à casa dum familiar que dista do local onde ocorreu o falecimento, ou então ficam trancadas numa casa da vizinhança, de modo a não puderem participar na cerimónia fúnebre ou mesmo ver o caixão do cadáver. Entre os Bitongas realizam-se rituais de purificação orientados por um “Nyanga” (curandeiro). É de salientar que na monografia em causa não existem detalhes profundos sobre os procedimentos levados a cabo para a realização dos rituais de purificação.

Entre os Bitongas e os Chopos não existe diferença quanto ao aspecto que diz respeito à interdição das crianças ao cemitério. Samuel, um dos nossos entrevistados do grupo linguístico Chochope, de 71 anos de idade, residente em Maputo, afirmou o seguinte:

<sup>11</sup> Para fazer face à carência de informação escrita, entrevistamos algumas pessoas para aprofundarmos mais sobre o assunto.

<sup>12</sup> Na classificação feita por Junod, em Moçambique, a tribo tsonga abrange os povos das províncias de Maputo, Gaza, Manica, Sofala e Inhambane (com excepção dos grupos linguísticos Chochope e Bitonga)

<sup>13</sup> Henry Junod (1986). Usos e costumes dos Bantus, 143.

<sup>14</sup> Administração de circunscrição dos Muchopes (1912). Usos e costumes dos Bitongas.

<sup>15</sup> Sublinhado nosso.

*“ segundo reza a tradição, as crianças são proibidas de ir ao cemitério assistir aos funerais, mesmo em casos em que o falecido seja pai, mãe, tio, avó ou outra pessoa mais próxima, devido às seguintes razões: as crianças por serem biologicamente frágeis, em relação aos adultos, estão mais propensas, provavelmente, a ficarem infectadas pela doença que teria vitimado o falecido. Por outro lado, algumas crianças que sofrem de epilepsia podem entrar em crise ao ver o caixão ou mesmo o próprio cadáver ”.*

Uma nossa entrevistada, de 61 anos de idade, também do grupo linguístico chope, reforça a ideia do primeiro entrevistado dizendo o seguinte: *“as crianças não podem ir ao cemitério porque o facto de verem o caixão ou o cadáver pode criar-lhes traumas psicológicos, falta de sono e pesadelos”.*

Como tivemos a oportunidade de referenciar, nas páginas precedentes, citando Junod (1986), entre os Tsongas (em Moçambique constituídos pelos grupos linguísticos das províncias de Manica, Sofala, Gaza, Inhambane e Maputo) os rituais e proibições relativos à morte são tratados e concebidos quase da mesma forma, embora hajam diferenças na forma como cada grupo linguístico prepara as cerimónias de purificação, por um lado, e na forma como é manifestado o luto, por outro lado.

A partir das pesquisas realizadas por Madeira<sup>16</sup> e Ferreira<sup>17</sup> sobre os usos e costumes das populações de Gorongosa e Sena (grupos linguísticos Cisena e Cishona) respectivamente, constatamos que: as crianças são proibidas de frequentar aos cemitérios, à semelhança do que acontece nos grupos linguísticos já descritos. Segundo Madeira<sup>18</sup>, entre a população de Gorongosa, a ideia segundo a qual a morte traz consigo impureza que contamina todas as coisas e pessoas que tenham entrado em contacto com o falecido, é uma crença que se faz sentir. Eis o exemplo:

*“... os membros da família do defunto não podem, sob pena de cair na ira do espírito do defunto, praticar relações sexuais, sem que pratiquem primeiramente uma cerimónia de*

<sup>16</sup> Alfredo Madeira (1951). População indígena de Gorongosa (sem paginação).

<sup>17</sup> João Ferreira (1960). Usos e costumes dos Senas, 22-23.

<sup>18</sup> Alfredo Madeira (1951). População indígena de Gorongosa (sem paginação)

*purificação conhecida por "sanganiço" (...). Concluída a cerimónia, a vida sexual da família entra na normalidade"<sup>19</sup>.*

Segundo Ferreira<sup>20</sup>, entre os Senas a interdição das crianças ao cemitério faz parte das suas crenças: "quando morre alguém numa família as crianças são levadas para uma outra família distante de modo a não presenciarem as cerimónias fúnebres" É também uma realidade, entre os Senas, a crença segundo a qual a morte é contagiosa e traz consigo a impureza para os vivos. Portanto, para evitar tal contaminação torna-se necessário a realização de cerimónias de purificação.

Exemplo: "os pais ou as pessoas que viviam com o morto não podem dormir dentro da palhota enquanto não se realiza uma festa fúnebre que consta de danças, cantares, comidas e bebidas. Finda a festa, que dura enquanto duram os mantimentos, as pessoas com quem o morto vivia sentam-se à porta da palhota, tendo ao seu lado um montículo de farelo que os presentes tiram um pouco e laçam fora. Lavam em seguida as mãos num recipiente que é colocado junto da palhota e seguem para as suas casas. Só depois desta cerimónia é que os que coabitavam com o morto, podem entrar na palhota e ter relações sexuais"<sup>21</sup>

Segundo Francisco Martinez<sup>22</sup>, nos ritos fúnebres macua tem -se em conta vários elementos relacionados com os familiares do falecido (sinais de dor, participação nos ritos, normas e proibições, que se devem observar) e com os restantes membros da sociedade (o grupo ou a comunidade sente-se tocado pela morte de um membro). Através dos ritos procurar-se restabelecer a ordem social quebrada devido a morte. Nestes ritos realizam-se purificações, reparação de culpas, manifestações de dor, sacrifícios, orações, cânticos e reparações comunitárias.

Os familiares do defunto e os habitantes da aldeia deixam seus afazeres e ocupações habituais para participar no velório e nos outros ritos fúnebres, excepto todas as pessoas não iniciadas (crianças)<sup>23</sup>. Todos os participantes, acrescenta Martinez<sup>24</sup>, depois do rito, dirigem-se ao rio mais próximo ou, onde não haja rio, a um lugar onde se preparou água para o efeito, e ali se lavam, assim como os instrumentos usados na preparação da sepultura. Em primeiro lugar,

<sup>19</sup> ibidem.

<sup>20</sup> João Ferreira (1960). Usos e costumes dos Senas, 22.

<sup>21</sup> Ibidem, 23.

<sup>22</sup> Francisco Lerma Martinez (1989). O povo macua e a sua cultura, 209.

<sup>23</sup> Ibidem, 213.

<sup>24</sup> Ibidem, 215.



fazem-no as mulheres, depois os homens. Regressam todos à aldeia por um caminho diferente do utilizado na ida ao cemitério. Na casa do defunto, todos os que voltam do cemitério devem lavar as mãos com água e um remédio preparado para a ocasião.

Martinez<sup>25</sup> avança que em termos de proibições relativas à purificação, a abstinência sexual é obrigatória para os familiares mais próximos (tios maternos, pais e irmãos do falecido). A abstinência sexual é absoluta durante o “grande luto” (primeiros três dias depois do falecimento) e parcial durante o resto do luto. Com o termo parcial o autor pretende dizer que é preciso fazer-se uma purificação antes de cada relação sexual.

Segundo Manuel Amaral<sup>26</sup>, entre o grupo linguístico Yao, os funerais são assistidos por todos os familiares e amigos, excepto as crianças<sup>27</sup>. Aquelas refugiam-se no mato ou dentro das palhotas, pois considera-se muito perigoso que vejam o cadáver ou assistam ao enterro. Só os circuncidados e as iniciadas podem assistir às cerimónias fúnebres. Nesse caso, são consideradas crianças todas as pessoas que ainda não tenham passado pelos ritos de iniciação. O falecimento de alguém entre os Yao, na descrição de Amaral<sup>28</sup>, estabelece estado de impureza (“muci”) não só entre os membros da sua matrilinearidade, quer vivam próximo quer afastados, como também, entre os outros familiares ou mesmo simples vizinhos que tivessem convivido com o falecido. Geralmente é toda a povoação que entra no estado de impureza, uma vez que se estabelece como padrão de convívio, por exemplo, o facto de terem utilizado a mesma fonte para abastecimento de água, a mesma enxada e outros instrumentos de trabalho ou de utilidade comum.

O estado de impureza, segundo o mesmo autor supra citado, é removido através da realização de rituais de purificação designados “sadaka”. Se a “sadaka” for por um filho, os pais, na noite do dia da sua realização, procedem ao primeiro coito após os quarenta (40) dias de abstinência. Se for um cônjuge, a viúva ou viúvo, escolhe um parceiro, de preferência solteiro, a quem pagará para nesse dia praticar o coito, pela primeira vez depois que o parceiro faleceu.

---

<sup>25</sup> Ibidem, 219.

<sup>26</sup> Manuel Gama Amaral (1990). O povo Yao: subsídios para o estudo de um povo do noroeste de Moçambique, 120.

<sup>27</sup> Sublinhado nosso.

<sup>28</sup> Manuel Gama Amaral, 1990, 124.

Da descrição que fizemos sobre a forma como os diferentes grupos linguísticos moçambicanos encaram e interpretam o fenómeno da morte, por um lado, e a relação entre cemitério e criança, por outro lado, constatamos que, apesar de existirem algumas especificidades em cada grupo linguístico em relação ao rigor no luto, à duração das cerimónias de purificação, entre outros aspectos, dois tipos de crenças são extensíveis a todos os grupos, nomeadamente: a crença na ideia de que a morte é contagiosa e traz consigo impurezas que para serem removidas deve-se recorrer a cerimónias de purificação, por um lado. Por outro lado, existe a crença segundo a qual as crianças não devem ir ao cemitério.

Concordando com o ponto de vista de Moscovici (1978), citado por Horochovski<sup>29</sup>, segundo o qual as representações sociais são uma maneira quotidiana de interpretar e explicar a realidade, podemos considerar as crenças, ideias e interpretações em torno da morte e do cemitério, por um lado, e da relação entre criança e cemitério, por outro lado, como sendo representações socialmente construídas.

Para a presente pesquisa não interessa o lado da racionalidade das representações construídas em torno da relação criança e cemitério, por um lado, e em torno da morte e cemitério, por outro. Interessa-nos a interpretação e os fundamentos que estão por detrás da mesma.

Não constitui nosso interesse saber se as ideias construídas em torno da relação criança e cemitério são racionalmente válidas. Importa-nos a interpretação que nos permite olhar e questionar novos fenómenos no nosso dia a dia.

---

<sup>29</sup> Marisete T. H. Horochovski (2004). Representações Sociais: Delineamentos de uma Categoria Analítica, 99. In: [www.emtese.ufsc.br](http://www.emtese.ufsc.br).

## 2. Problemática

Nos municípios da Matola e Maputo, na província de Maputo, existem cemitérios públicos, nomeadamente, São José de Lhanguene, Dlavela, Mahotas (Nwachitsena e Guebo), Zimpeto, Hulene e Matola, só para citar alguns exemplos. Diferentemente dos outros seis do conjunto referenciado, o cemitério São José de Lhanguene apresenta características singulares. Por um lado, o cemitério é habitado por populares que aos poucos foram se apoderando do espaço e, por outro lado, pratica-se no cemitério algumas actividades<sup>30</sup> de sobrevivência. Por exemplo: lavar e guardar carros; vender água e flores.

Das actividades realizadas no cemitério São José de Lhanguene interessa-nos a venda de água por parte das crianças, por ser aquela que, sob o ponto de vista da interpretação sócio-cultural em torno do cemitério, contraria a crença segundo a qual o cemitério não é lugar para crianças.

O cemitério São José de Lhanguene foi fundado aos 18 de Dezembro de 1919<sup>31</sup>, com uma área de 50 hectares disponíveis para enterros, após o encerramento do Cemitério São Francisco Xavier. Este último localizado no bairro Central da cidade de Maputo.

Segundo dados do Conselho Municipal<sup>32</sup>, o cemitério de Lhanguene perdeu cerca de 20 hectares a favor de populares que foram invadindo e ocupando ilicitamente o espaço.

Com base nos dados do inquérito de 2001<sup>33</sup>, realizado na célula "I" do bairro Luís Cabral, constatamos que o cemitério começou a ser invadido pelos populares na década de 1920, mas foi nas décadas de 1980, 1990 e ano 2000 em que se verificou a ocupação em maior escala.

A ocupação massiva do cemitério naquele período presume-se que tenha sido intensificada, em parte, por razões históricas<sup>34</sup>. Destaca-se como principais razões que contribuíram para a ocupação da área do cemitério pelos populares: a migração campo – cidade causada pela guerra civil dos 16 anos e as cheias do ano 2000. As cheias inundaram e destruíram

<sup>30</sup> São actividades realizadas por pessoas que não fazem parte do corpo dos trabalhadores do cemitério.

<sup>31</sup> Jornal Notícias, 20 de Dezembro de 2004, 01.

<sup>32</sup> Conselho Municipal da Cidade de Maputo (2001). Informação sobre o cemitério de Lhanguene e Magoanine, 02.

<sup>33</sup> Conselho Municipal, 2001, Inquérito realizado na Célula "I" do Bairro Luís Cabral.

<sup>34</sup> Entrevista ao vereador pela área da salubridade e cemitério, no município de Maputo, no programa "Quinta a noite" da TVM, 25/08/05.

residências de famílias residentes em alguns bairros periféricos da cidade de Maputo. Uma parte daquelas famílias que perderam as suas residências devido as cheias, refugiou-se no espaço do cemitério.

Segundo Alexandre Libombo<sup>35</sup>, residem na área invadida do cemitério cerca de 2500 habitantes, dentre os quais crianças, distribuídos pelas células “D”, “I” e “J” do bairro Luís Cabral.

A partir dos dados do inquérito de 2001, já referenciado, constatamos que: as famílias que invadiram o cemitério vivem, maioritariamente, em casas de construção precária de caniço ou cimento. Contudo, existem algumas famílias, em número muito reduzido, que residem em casas de construção convencional.

O cemitério de Lhanguene, para além da peculiaridade de ser um local habitado por pessoas vivas, é palco da prática de actividades de sobrevivência tais como: lavar e guardar carros, venda de flores e água, jornais e artigos diversos como lenços de mão, corta — unhas, entre outros. É de salientar que jornais, lenços de mão e outros artigos são vendidos por ambulantes.

A partir da observação<sup>36</sup>, com registo em diário de campo que efectuamos, constatamos que: em quase todas as actividades de sobrevivência praticadas no cemitério, o envolvimento das crianças é notável, com excepção das actividades de lavar e guardar carros que são exercidas por jovens. Nota-se pouca ou quase nenhuma participação de crianças nestas actividades.

Ainda com base na observação, constatamos que a actividade de venda de flores é feita por pessoas de todas as idades e sexos, com maior frequência de mulheres adultas. As crianças existem em menor número, se comparadas ao universo total dos vendedores de flores.

A venda de água no interior do cemitério é feita maioritariamente por crianças do sexo masculino. Porém, notamos a presença de alguns adultos que pautam por aquela actividade do domínio das crianças.

A partir dos dados da observação, estimamos em aproximadamente 3 dezenas o número de crianças que exercem a actividade de venda de água. Número esse que demonstra certo

<sup>35</sup> Administrador em exercício no Cemitério de Lhanguene (entrevistado em 08/04/2005)

<sup>36</sup> Realizada no dia 23 de Julho de 2005.

crescimento do envolvimento de crianças na actividade de venda de água, isto se tomarmos em conta o número inicial de crianças que estavam envolvidas naquela actividade nas décadas de 1980 e 1990. O administrador do cemitério de Lhanguene referiu que nas décadas 1980 e 1990, altura em que iniciou a actividade da venda de água por parte das crianças, o número daquelas não era superior a uma dezena.

Das actividades exercidas no cemitério de Lhanguene, escolhemos a venda de água por parte das crianças devido as seguintes razões: a actividade da venda de água, para além de envolver crianças, é exercida dentro do cemitério, ao contrário das restantes que são exercidas no exterior, isto por um lado. Por outro lado e complementando à primeira razão, a actividade da venda de água pelo facto de ser exercida por crianças, e por sinal no interior do cemitério, entra em contraste com as ideias, valores e imagens socialmente construídos, na sociedade moçambicana, no que concerne à relação entre criança e cemitério (a interdição das crianças a frequentar aos cemitérios e assistir aos funerais).

Segundo Alexandre Libombo<sup>37</sup>, as crianças que vendem água no cemitério de Lhanguene são, na sua maioria, residentes nas famílias que invadiram e vivem no local. Ainda segundo a mesma fonte, a actividade da venda de água por parte das crianças começou a ser exercida por volta dos anos de 1989 e 1990. Nessa altura, acrescenta Libombo, as crianças que vendiam água não eram em número elevado, comparativamente ao número actual. Libombo acrescenta que quando as crianças eram em número reduzido ainda era possível impedi-las de vender água. Mas passado o tempo, mais famílias iam habitando na área do cemitério e o número dos habitantes, aliado aos novos nascimentos, aumentou. Portanto, Libombo aponta não ser tarefa fácil impedir as crianças de exercer aquela actividade.

Segundo João Mucavel<sup>38</sup>, medidas administrativas (por exemplo: fechar as torneiras, afugentar as crianças) foram tomadas para pôr fim a actividade da venda de água por parte das crianças, mas não resultaram porque os pais das mesmas compactuam com a prática da actividade. Algumas vezes, os pais das crianças, revoltados com as medidas tomadas, ameaçavam os coveiros (que por sinal eram os que amedrontavam e afugentavam aos seus filhos).

<sup>37</sup> Administrador em exercício no cemitério de Lhanguene (entrevistado em 08/04/2005).

<sup>38</sup> Sociólogo e ex. Director municipal de salubridade e cemitério (entrevista concedida no dia 11/04/2005).

Segundo Alexandre Libombo<sup>39</sup>, a maioria dos pais<sup>40</sup> das crianças que vendem água usa o cemitério como um lugar “normal” (por exemplo, para cartar água nas torneiras do cemitério, usar o cemitério como passagem para ter acesso à Estrada Nacional nr1). Portanto, por meio deste exemplo podemos inferir o seguinte: para além de habitarem dentro do espaço reservado aos enterros, as crianças aprendem desde cedo, a partir das atitudes dos pais, de qualquer outra pessoa com quem estejam a viver e dos vizinhos, a conviver com o cemitério. Por exemplo, ao usar o cemitério juntamente com o pai, mãe, tio, vizinho, etc., como passageira; ao ir buscar água nas torneiras do cemitério. A partir destas práticas as crianças aprendem a conviver e criar uma certa familiaridade com o cemitério.

Tendo em conta, por um lado, as ideias, crenças, valores e imagens socialmente construídas em torno da morte e do cemitério, com maior enfoque para a relação cemitério e criança. E, por outro lado, a descrição das actividades exercidas no cemitério de Lhanguene, com maior destaque para a actividade da venda de água por parte das crianças, constatamos a presença de duas realidades contraditórias, nomeadamente:

De um lado, temos a ideia partilhada pela sociedade segundo a qual as crianças não devem ir ao cemitério assistir aos funerais. Por outro lado, presenciámos, no interior do cemitério São José de Lhanguene, crianças a vender água.

Foi tomando em consideração estas duas realidades (contraditórias) que nos propusemos a levantar as seguintes inquietações:

- ✓ Por que razão, apesar do cemitério ser socialmente considerado lugar de dor e tristeza e não adequado às crianças, constatamos a sua presença (a vender água) no cemitério de Lhanguene?
- ✓ Que representações as crianças vendedoras de água constroem em torno do cemitério?

<sup>39</sup> Administrador em exercício no cemitério (entrevistado em 08/04/2005).

<sup>40</sup> O termo pais é extensível para qualquer pessoa na qualidade de encarregado da criança.

## 2.1. Hipóteses do trabalho

- ✓ Existem motivos<sup>41</sup> comuns que levam as crianças a vender água no cemitério.
- ✓ Em função das actividades que as crianças realizam e da familiarização<sup>42</sup> com o cemitério, elas constroem outras representações em torno do cemitério.

## 2.2. Objectivos do trabalho

### Objectivo geral

Como objectivo central da pesquisa pretendemos:

- ✓ Descrever as representações que as crianças vendedoras de água constroem em torno do cemitério.

### Objectivos específicos

- ✓ Saber a partir de que ideias, concepções e imagens, as crianças vendedoras de água pensam sobre o cemitério.
- ✓ Descrever os motivos que levam as crianças a vender água.
- ✓ Descrever o comportamento das crianças durante o exercício da sua actividade.

## 2.3. Justificativa

O cemitério São José de Lhanguene, para além de ser um espaço destinado à realização de inumações, é palco da prática de algumas actividades de sobrevivência, nomeadamente, lavar e guardar carros, vender flores e água, entre outras.

Grande parte da mão-de-obra daquelas actividades é constituída por crianças. Tomando em consideração este aspecto, escolhemos a actividade da venda de água por parte das crianças como objecto de estudo na medida em que contraria com as ideias socialmente partilhadas, na sociedade moçambicana, segundo as quais o cemitério não é lugar apropriado para as crianças.

---

<sup>41</sup> O motivo é visto no sentido Weberiano como sendo o fundamento que leva alguém a optar por uma determinada acção ou conduta. In: Paulo Ferreira da Cunha (1983). Max Weber: fundamentos da Sociologia, 57.

<sup>42</sup> A familiarização é vista no sentido de tornar algo menos habitual em habitual. A familiarização está ligada ao processo de socialização enquanto apreensão de "maneiras de agir, de pensar e sentir", In: Guy Rocher (1999). Sociologia geral: Acção Social, 126.

O segundo factor, que consideramos não menos importante, que ditou a escolha da actividade da venda de água por parte das crianças, tem a ver com o facto de as crianças vendedoras de água exercem a sua actividade dentro do cemitério, facto que contrapõe a ideia da sociedade em torno da relação criança e cemitério (segundo a qual o cemitério não é lugar apropriado para as crianças).

Um terceiro aspecto, tem a ver com o crescimento do número de crianças que vendem água no cemitério de Lhanguene. Como afirmou Libombo<sup>43</sup>, o número de crianças vendedoras de água apresenta um certo crescimento, relativamente ao período em que a actividade da venda de água teve início. Quando, na década de 1980, iniciou a actividade da venda de água no cemitério São José de Lhanguene, Libombo estima que o número de crianças vendedoras de água não ultrapassava uma dezena.

A partir da observação que efectuamos<sup>44</sup>, constatamos que o número de crianças que vendem água no cemitério São José de Lhanguene pode estimar-se em três dezenas. Portanto, se compararmos o número de crianças que se dedicava à venda de água entre as décadas de 1980 e 1990 ao número de crianças que envereda pela mesma actividade, no presente ano, verificamos certo crescimento.

A partir da descrição feita na revisão da literatura sobre as ideias da sociedade moçambicana no que concerne à relação entre criança e cemitério, constatamos que o cemitério é tido como um lugar inapropriado às crianças. Estas, no geral, são interditas de assistir aos funerais, mesmo em casos em que se trata de familiares ou conhecidos.

Tendo em conta, por um lado, a realidade vivida em Lhanguene, que tivemos a oportunidade de descrever, por outro lado, as ideias da sociedade em torno da relação criança e cemitério (interdição das crianças ao cemitério), pretendemos saber:

Por que razão, apesar do cemitério ser socialmente considerado lugar de dor e tristeza e não adequado às crianças, constatamos a sua presença (a vender água) no cemitério de Lhanguene? Constitui, também, nossa inquietação saber que representações as crianças vendedoras de água constroem em torno do cemitério?

<sup>43</sup> Administrador do Cemitério de Lhanguene.

<sup>44</sup> Realizada no dia 15 de Julho de 2005.



### 2.3.1. Relevância sociológica do estudo das representações sociais.

Nesta secção pretendemos, numa forma resumida, mostrar a relevância do estudo das representações sociais para a Sociologia, tomando como referência a presente pesquisa.

A sociologia<sup>45</sup>, numa forma geral, é uma ciência vocacionada ao estudo do social, isto é, do produto da interacção dos actores sociais em sociedade.

As representações sociais<sup>46</sup>, sendo um sistema de interpretação da realidade que organiza as relações dos actores sociais com o mundo e orienta as suas condutas e comportamentos no meio social, são produto da interacção social.

Neste raciocínio, a relevância sociológica do estudo das representações sociais reside no facto de que elas são produto da interacção social. Sendo assim, funcionam como fundamento das práticas e atitudes dos actores sociais uns em relação aos outros e em relação aos objectos sociais. Prossequindo com o mesmo raciocínio, podemos explicar a presença de crianças a vender água no cemitério como sendo fundamentada, em parte, pelas representações que as crianças constroem em torno do cemitério. Para aquelas crianças o cemitério não representa apenas um local onde se enterram os mortos, lugar de tristeza e sofrimento, lugar onde se pode visitar as campas. O cemitério é também um local de trabalho, local onde podem brincar, jogar e conversar.

---

<sup>45</sup> Inspiramo-nos em Bruce J. Cohen, (1980), Sociologia Geral.

<sup>46</sup> Nesta afirmação inspiramo-nos em Roseane Xavier (2002). Social representation and ideology: interchangeable concepts?

### 3. Contextualização da actividade de venda de água por crianças no Cemitério de Lhanguene

Após termos apresentado a problemática e a respectiva justificativa, esta secção versa essencialmente sobre a descrição do contexto em que surgiu a actividade da venda de água por crianças.

O cemitério São José de Lhanguene localiza-se no bairro Luís Cabral, no município de Maputo. Começou a funcionar após o encerramento do cemitério São Francisco Xavier. Este último localizado no bairro central. É de salientar que o cemitério de Lhanguene foi aberto gradualmente, tendo começado a funcionar em 1919 com uma área de 5.13 hectares. Actualmente está a funcionar com uma área de 50 hectares, dos quais 20 foram invadidos pelas famílias que lá residem<sup>47</sup>.

A invasão do cemitério pelos populares teve início na década de 1921. Mas foi nas décadas de 1980 e 1990 que a invasão foi mais massiva<sup>48</sup>.

Segundo dados do inquérito<sup>49</sup> realizado em 2001, pelo Conselho Municipal, a invasão do cemitério continuou até ao primeiro quinquénio da década de 2000.

Mucavel<sup>50</sup> e Libombo<sup>51</sup> apontam como possíveis razões que teriam levado à invasão do cemitério, por aquelas famílias, as seguintes:

O facto de o cemitério não se encontrar totalmente vedado, por um lado. Facto esse que facilitou a invasão. Por outro lado, a migração campo cidade intensificada, nas décadas de 1980 e 1990, devido a guerra civil. Aliado a este facto, a estrutura urbana da cidade de Maputo, na altura, apresentava pouca oferta em termos de espaço em infra-estruturas básicas para habitação (por exemplo, água, escola, luz, hospital). Portanto, na altura, algumas pessoas que chegavam à cidade de Maputo e que careciam de espaço para habitar, aproveitaram-se do espaço aberto do cemitério para construir suas habitações.

<sup>47</sup> Jorna Notícias de 20 de Dezembro de 2004.

<sup>48</sup> Inquérito realizado na Célula "I" do bairro Luís Cabral em 21/01/2001.

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> Sociólogo e ex. Director municipal de salubridade e cemitério (entrevista realizada em 11\04\2005)

<sup>51</sup> Administrador em exercício no cemitério de Lhanguene (entrevista realizada em 08\03\2005).

João Swalbach<sup>52</sup>, por sua vez, aponta as cheias do ano 2000 como sendo outra razão que levou à invasão do cemitério por parte de algumas famílias que ficaram desprovidas de suas habitações.

Habitam actualmente no cemitério de Lhanguene aproximadamente 2500 pessoas, ocupando uma área de 20 hectares do total da área que era destinada à inumações.

Uma das peculiaridades do cemitério de Lhanguene se comparado aos restantes dos municípios de Maputo e outros da Matola, já referenciados, é o facto de ser um espaço em que são praticadas algumas actividades de sobrevivência, nomeadamente, lavar e guardar carros, vender flores e água. É frequente no mesmo local a presença de vendedores ambulantes de jornais e artigos como lenços de mão, corta-unhas, entre outros.

Segundo o jornal da noite da Televisão “STV” (alusivo ao dia da criança africana) do dia 20 de Junho de 2005, as crianças constituem principais provedores de mão-de-obra das actividades de sobrevivência praticadas no cemitério. Este facto foi confirmado pela observação<sup>53</sup> que realizamos.

O problema que levantamos diz respeito à actividade da venda de água por crianças.

Segundo Libombo<sup>54</sup>, a actividade da venda de água por crianças teve início por volta de 1989 a 1990. O nosso entrevistado e informante acrescenta que, naquela altura, as crianças que vendiam água eram em número reduzido, comparativamente ao presente.

As crianças que vendem água, na sua maioria, são provenientes das famílias residentes no recinto do cemitério. Da observação que realizamos no cemitério de Lhanguene, constatamos que o número de crianças que vendem água pode ser estimado em três dezenas.

O cemitério de Lhanguene, comparativamente aos restantes já mencionados, apresenta infra-estruturas básicas (por exemplo fontes de abastecimento de água, ruas ou passadeiras maiores,

---

<sup>52</sup> Vereador pela área de salubridade e cemitérios, no Município de Maputo. Entrevistado no programa “Quinta a noite” na TVM, 17/07/05.

<sup>53</sup> Realizada no dia 23 de Julho de 2005.

<sup>54</sup> Ibidem.

sistema de limpeza, vedação<sup>55</sup>, etc.) mas é por sinal aquele onde se verifica a presença de menores de idade a vender água.

Para compararmos a situação de Lhanguene à dos outros cemitérios não vedados, tomamos como exemplo o Cemitério de Guebo.

O cemitério de Guebo, localizado no bairro das Mahotas, aberto como forma de suprir a escassez de espaço no cemitério de Nwachitsena, no bairro do mesmo nome, constitui o exemplo de extrema precariedade de infra-estruturas. Localiza-se num bairro povoado, não possui vedação nem fontes de abastecimento de água. Apesar de não apresentar fontes de água, aquele líquido é abastecido por senhoras que, o vendem em vasilhames de 5 litros. São as mesmas senhoras que vendem flores naquele local. De salientar que ambas as actividades são realizadas fora do recinto do cemitério. Em Guebo, apesar de o cemitério não apresentar vedação, não existe crianças a vender flores e muito menos água.

A partir do exemplo comparativo do cemitério de Guebo (sem vedação, com falta de água e localizado num bairro povoado) pretendemos demonstrar que o facto de haver crianças no cemitério São José de Lhanguene a vender água não se explica somente pela escassez de torneiras que jorram água em todos os talhões, por um lado, nem pelo facto de o cemitério estar localizado próximo duma povoação, por outro lado.

O cemitério de Lhanguene é habitado por populares que estão habituados a confrontar-se com o ambiente que se vive no cemitério. Vivem próximo às campas e assistem aos enterros diários. Esta situação cria familiarização com o cemitério.

Segundo a informação que colhemos junto do Administrador do cemitério, as primeiras crianças que apareceram a vender água no cemitério eram provenientes das famílias que vivem no cemitério. A partir das entrevistas que efectuamos, constatamos que a maioria das crianças que vende água é proveniente daquelas famílias. Assim sendo, podemos arriscar dizendo que a presença de crianças a vender água no cemitério surge no contexto da invasão do cemitério por populares.

---

<sup>55</sup> Embora não seja completa, estando em falta o lado do bairro Luís Cabral invadido pelos populares.

#### 4. Quadro teórico – conceptual

O presente capítulo foi reservado à apresentação e discussão da teoria que transcorre ao longo do trabalho, assim como dos principais conceitos.

Segundo o Sociólogo Elísio Macamo<sup>56</sup>, a Sociologia é uma Ciência que não lida directamente com o seu objecto de estudo, razão pela qual recorre ao discurso. Esta qualidade discursiva da Sociologia leva o pesquisador a ter que cumprir com exigências tais como a elaboração de um quadro teórico — conceptual. A realidade, em Sociologia, é apreendida discursivamente através de conceitos.

De forma a explicarmos a problemática que levantamos baseamo-nos nos conceitos de representações sociais, familiarização e criança vendedora de água.

##### 4.1. Quadro teórico

Tendo representações sociais como um dos conceitos principais da pesquisa, reservamos esta secção para fazer referência à teoria da qual provém o conceito em causa.

O conceito de representações sociais situa-se nas fronteiras entre a Psicologia e a Sociologia. É tratado tanto no domínio da Psicologia assim como no da Sociologia.

Segundo Valá<sup>57</sup>, a primeira abordagem do conceito de representações sociais foi feita pelo Sociólogo Emile Durkheim (1898), no seu trabalho intitulado “Représentations Individuelles et Représentations Collectives”.

Durkheim, citado por Chartier<sup>58</sup>, concebia as representações sociais como uma herança colectiva dos antepassados transmitida de maneira determinística e estática às experiências individuais.

---

<sup>56</sup> Elísio Macamo (2004). A leitura Sociológica: Um Manual Introdutório, 15.

<sup>57</sup> Jorge Valá (1986). Sobre as Representações Sociais: para uma epistemologia do senso comum. In: Cadernos de Ciências Sociais.

<sup>58</sup> Chartier, R. (1990). A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand.

Moscovici (1978), citado por Alexandre<sup>59</sup>, diverge da visão de Durkheim na medida em que não concebe as representações sociais apenas como uma herança colectiva dos antepassados transmitida de maneira determinística e estática.

Na visão de Moscovici, o indivíduo tem papel activo e autónomo no processo de construção da sociedade. O indivíduo apesar de ser influenciado pela sociedade, devido à sua capacidade cognitiva e interpretativa, formula questões e procura meios para resolvê-las. Portanto, é neste processo em que participa na construção da sociedade.

De acordo com Moscovici (1969), citado por Valá<sup>60</sup>, *“uma representação social compreende um sistema de valores, de noções e de práticas relativas a objectos sociais, permitindo a estabilização do quadro de vida dos indivíduos e dos grupos, constituindo um instrumento de orientação da percepção e de elaboração de respostas, e contribuindo para a comunicação dos membros de um grupo ou de uma comunidade”*.

A partir da definição de Moscovici podemos fazer a seguinte interpretação:

- ✓ As representações que os actores sociais têm sobre os objectos à sua volta funcionam como uma espécie de guia do seu comportamento quando interagem uns com os outros. Mas, não obstante este aspecto, sendo os actores sociais seres racionais que agem em função de certos motivos e fins a que se propõem alcançar, têm a capacidade de adaptar, criar e transformar as representações sociais em determinadas situações.
  
- ✓ Em outros termos, mais simples, as representações sociais são ideias, conceitos, interpretações, concepções, valores, princípios e imagens com os quais pensamos sobre a realidade. Portanto, seguindo o mesmo raciocínio, as nossas práticas, as nossas atitudes quotidianas são orientados pelas representações que formamos em nossas mentes sobre quem nós somos, sobre os objectos à nossa volta, sobre o que devemos fazer e como devemos interagir com outras pessoas. É nessa ordem de ideias que Moscovici afirma que as representações sociais interferem na formação de condutas.

<sup>59</sup> Marcos Alexandre (2004). Representação Social: uma genealogia do conceito.

<sup>60</sup> Jorge Valá (1986). Sobre as Representações Sociais: para uma epistemologia do senso comum. In: Cadernos de Ciências Sociais.

Valá (1986) e Ribeiro (2000:42), partilhando da visão moscoviana, afirmam que a especificidade da situação de cada grupo social contribui para a especificidade das suas representações e, a especificidade das representações sociais contribui, por sua vez, para a diferenciação dos grupos.

Estes autores remetem-nos à ideia de que as representações sociais são socialmente construídas, portanto, podem mudar ou sofrer alterações em função dos contextos sociais.

Moscovici, citado por Ribeiro<sup>61</sup>, apresenta três critérios para a análise das representações sociais, nomeadamente o critério quantitativo, o critério genético e o critério da funcionalidade.

✓ Critério Quantitativo: uma representação apresenta carácter social na medida em que é partilhada por um conjunto de indivíduos.

✓ Critério Genético: “uma representação é social no sentido em que é colectivamente produzida. As representações sociais são produto das interações e dos fenómenos de comunicação no interior de um grupo social, reflectindo a situação desse grupo, os seus projectos, problemas e estratégias”

✓ Critério da Funcionalidade: as representações sociais contribuem para os processos formadores e para os processos de orientação das comunicações e dos comportamentos. As representações sociais funcionam como factores produtores da realidade social, uma vez as dinâmicas sociais condicionarem as representações sociais e em função destas os agentes sociais interpretarem o mundo que os rodeia, determinando, no entanto, as respostas ao que julgam ter acontecido.

Segundo Ribeiro<sup>62</sup>, na constituição das representações sociais interagem dois mecanismos interdependentes: os processos sociocognitivos (o pensamento) e os factores sociais (práticas sociais).

A presente pesquisa vai incidir apenas sobre os factores sociais na constituição das representações sociais.

---

<sup>61</sup> Gabriel S. Ribeiro (2000). As representações sociais dos moçambicanos: do passado colonial à democratização, 39.

<sup>62</sup> Idem, 40.

Outra abordagem sobre representações sociais é defendida por Minayo<sup>63</sup>, socióloga e investigadora do Núcleo das Representações Sociais, em que afirma que as representações sociais, no campo das Ciências Sociais, (...) *são definidas como categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a*".

Ainda na visão de Minayo<sup>64</sup>, "*as representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. Sua medição privilegiada, porém, é a linguagem, tomada como forma de conhecimento e interação social*"

Para a presente pesquisa importa reter, no conceito de representações sociais, a noção de ideias, concepções, imagens e valores com os quais os actores sociais pensam sobre a realidade em sua volta. As representações sociais podem se manifestar em palavras, sentimentos e condutas. Importa também frisar o facto de as representações sociais serem passíveis de ser analisadas em função das especificidades da situação dos grupos sociais, tal como referenciam Valá (1986) e Ribeiro (2000).

#### **4.2. Análise dos conceitos**

Esta parte do trabalho é reservada à operacionalização dos conceitos fundamentais que transcorrem ao longo do mesmo, de forma a torná-los claros e evitar qualquer tipo de ambiguidade. Seguindo este propósito, serão definidos os conceitos de Representações Sociais (já referenciado), familiarização e criança vendedora de água.

##### **4.2.1. Representações Sociais**

Segundo Moscovici<sup>65</sup>, as representações sociais compreendem um sistema de valores, de noções e de práticas relativas a objectos sociais, permitindo a estabilização do quadro de vida dos indivíduos e dos grupos, constituindo um instrumento de orientação da percepção e da

<sup>63</sup> Maria C. Minayo (1996). O conceito de Representação Social dentro da Sociologia Clássica, 158.

<sup>64</sup> Maria C. Minayo (1994). As Representações Sociais e o Imaginário sobre a Cultura, 108.

<sup>65</sup> Citado por Valá (1969).



elaboração de respostas e contribuindo para a comunicação dos membros de um grupo ou de uma comunidade.

Em função desta definição constatamos que, por um lado, as representações sociais compreendem noções, ideias, valores e imagens relativos aos objectos sociais. Por outro lado, compreendem uma determinada conduta ou comportamento, isto é, uma determinada forma de agir e de estar perante os objectos sociais. O comportamento dos actores sociais perante os objectos sociais está em conformidade com as imagens ou ideias construídas sobre os mesmos objectos.

Para descrevermos as outras representações que as crianças vendedoras de água constroem em torno do cemitério, vamos nos basear em duas dimensões, nomeadamente: a dimensão representacional e a comportamental. No entanto, para conhecermos as outras representações que as crianças vendedoras de água constroem em torno do cemitério, temos que construir indicadores das representações socialmente construídas, no geral, sobre o cemitério.

Na dimensão representacional vamos considerar as imagens, ideias e noções a partir das quais a sociedade moçambicana, no geral, percepção o cemitério. Em outras palavras, procuramos descrever as possíveis noções, ideias e imagens a partir das quais se pensa sobre o cemitério. Partimos do pressuposto de que as ideias e imagens a partir das quais se percepção o cemitério correspondem a uma determinada maneira de ser e estar socialmente considerada sensata perante o mesmo local.

Do ponto de vista sócio-cultural e tomando em consideração a sacralidade que é atribuída ao cemitério, apresentamos como possíveis indicadores a partir dos quais se pensa sobre o cemitério os seguintes:

- ✓ Lugar sagrado que merece respeito por parte dos vivos;
- ✓ Lugar calmo, sem poluição sonora (sem barulho);
- ✓ Lugar onde repousam os ente queridos;
- ✓ Última casa dos Homens após a morte;
- ✓ Remete-nos à ideia de um lugar onde se manifesta o sentimento de dor pela perda de alguém;
- ✓ Remete-nos à ideia de dor e sofrimento;

- ✓ Remete-nos à ideia de um lugar onde se deve manifestar o respeito pela dor alheia, isto é, qualquer pessoa perante o cemitério, por mais que não seja enlutada, deve se comportar de maneiras a mostrar o sentimento de solidariedade para com os enlutados.

A dimensão comportamental reflecte, a partir das atitudes das pessoas, as imagens e ideias construídas em torno do cemitério. Em outros termos, o comportamento das pessoas perante o cemitério pode funcionar como “imagem” das ideias que elas constroem sobre o mesmo local.

A partir das ideias socialmente construídas sobre o cemitério, consideramos como indicadores que caracterizam os procedimentos perante o cemitério os seguintes:

- ✓ Não andar as correrias perante o cemitério;
- ✓ Redução da poluição sonora<sup>66</sup>;
- ✓ Andar nas passadeiras, não pisar ou saltar as campas;
- ✓ Não brincar ou conversar perante o cemitério;
- ✓ Não sentar ou brincar sobre as campas;

#### 4.2.2. Familiarização

Na problemática referimos que as crianças vendedoras de água possuem uma particularidade, isto é, na sua maioria, são provenientes das famílias que residem no recinto do cemitério. As mesmas famílias usam o cemitério como caminho ou passadeira; tiram água do cemitério para fins domésticos, só para citar alguns exemplos. Portanto, verificamos que as famílias residentes no cemitério usam-no para outros fins diferentes dos socialmente concebidos, isto é, atribuem outras utilidades ao cemitério.

As novas utilidades que as famílias atribuem ao cemitério, supomos, funcionam como um catalizador da familiarização das pessoas com o cemitério, dado que possibilitam o contacto permanente entre aquelas famílias e o cemitério. E, concomitantemente, diminui-se a tradicional distância que a sociedade moçambicana, no geral, cria em relação ao cemitério.

---

<sup>66</sup> válida para as pessoas assim como por parte da maquinaria.

As crianças, durante o processo de socialização<sup>67</sup>, apreendem novas formas de lidar com o cemitério. As novas formas de lidar com o cemitério podem criar, nas crianças, outras maneiras pelas quais apreendem o cemitério, isto é, outras representações.

Como forma de considerarmos estes aspectos na análise do problema que levantamos, introduzimos o conceito de familiarização.

O conceito de familiarização é um neologismo que introduzimos para demonstrarmos que para além das actividades que as crianças realizam existe um outro factor, ligado ao processo de socialização, que interfere na forma como aquelas constroem representações em torno do cemitério.

Definimos a familiarização<sup>68</sup> como sendo o processo de tornar algo menos habitual em habitual ou tornar algo estranho e perturbador em algo próximo. No caso da familiarização com cemitério, por parte das crianças que vendem água no Cemitério de Lhanguene, pode ser expressa pelos seguintes indicadores:

- ✓ Andar as correrias no cemitério;
- ✓ Pisar ou saltar as campas;
- ✓ Conversar ou brincar próximo ao lugar onde decorre um enterro;
- ✓ Falar em voz alta;
- ✓ A disposição de se sentir à vontade;
- ✓ Brincar ou sentar sobre as campas;

#### 4.2.3 Criança vendedora de água

Ao falarmos de criança remetemo-nos a duas visões diferentes, nomeadamente uma subjectiva e outra objectiva.

A visão subjectiva de criança é construída pelos actores sociais a partir das suas vivências quotidianas, portanto varia segundo as sociedades, religião, grupo étnico-linguístico, entre

---

<sup>67</sup> Segundo Guy Rocher (1999), a socialização é o processo de aquisição de conhecimentos, modelos, valores, símbolos, isto é, de "maneiras de agir, de pensar e sentir" próprias aos grupos, à sociedade em que um indivíduo vive, 126. Para este trabalho, consideramos a socialização, apenas, como o processo de apreensão de atitudes e modos de comportamento em relação a uma determinada realidade. Para o caso do cemitério, as crianças apreendem novas formas de lidar com o cemitério. Por exemplo: usam o cemitério para tirar água, para brincar ou como passadeira.

<sup>68</sup> Sublinhado nosso.

outros. Apesar desta variação, existem dois elementos que são tomados em conta para distinguir a criança do ser adulto: as capacidades biológicas e psicológicas atribuídas à criança. Deste modo, ser criança pode significar incapacidade biológica ou psicológica de uma pessoa poder realizar determinada actividade socialmente classificada como sendo de adultos.

A visão objectiva de criança é aquela estabelecida por uma autoridade legal dentro de um país. Esta visão, embora apareça de forma singular na legislação de cada país, apresenta a idade como critério demarcatório objectivo comum. Geralmente estabelece-se um limite máximo de dezassete anos de idade para se considerar uma pessoa de criança.

Moçambique, depois da sua adesão à Convenção<sup>69</sup> das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, considera criança a pessoa com menos de dezoito anos de idade.

De forma a evitarmos qualquer tipo de ambiguidade neste trabalho, consideramos criança vendedora de água<sup>70</sup> como sendo todo o menor de dezoito anos de idade que se encontra a vender água no cemitério de Lhanguene.

---

<sup>69</sup> MMCAS e UNICEF (2001). Direitos e Realidades da Criança Moçambicana no início do novo Milénio.

<sup>70</sup> Sublinhado nosso.

## 5. Metodologia

As fases de elaboração deste trabalho obedeceram determinados procedimentos, nomeadamente no que concerne aos métodos e técnicas aplicados. O objectivo desta secção consiste em apresentar a metodologia utilizada, a respectiva justificação da escolha e os constrangimentos enfrentados na pesquisa.

Tratando-se de um trabalho que visa levar a cabo uma pesquisa de percepções e atitudes, recorreremos ao método hipotético dedutivo assente numa análise qualitativa. A informação com a qual confrontamos as hipóteses foi recolhida com base nos seguintes instrumentos: análise documental, guião de entrevistas exploratórias dirigido aos informantes chave<sup>71</sup>, guião de entrevista dirigido ao objecto em estudo (crianças vendedoras de água) e a observação directa, com registo em diário de campo.

Em seguida, passamos a apresentar os procedimentos que seguimos, em cada um dos instrumentos, para a recolha da informação necessária à pesquisa.

Para recolher informação a respeito das ideias que são socialmente construídas em torno da morte e do cemitério e, sobre a relação entre criança e cemitério recorreremos à leitura de documentos disponíveis sobre o assunto, isto por um lado. Por outro lado, para enriquecer a informação documental, realizamos entrevistas exploratórias dirigidas a informantes chave. Entrevistamos pessoas de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 45-85 anos de idade.

A opção por pessoas daquele intervalo de idades (e não pelos mais novos) deveu-se ao facto de as pessoas mais novas responderem que, apesar de saberem que o cemitério não era lugar apropriado para crianças, não seriam capazes de explicar as razões que justificassem tal ideia ou crença. Uma vez tratando-se duma norma, que nasceram e encontraram, não se preocuparam em procurar informar-se sobre os seus fundamentos.

---

<sup>71</sup> Fazem parte dos informantes chave as pessoas que nos forneceram informação sobre as ideias da sociedade em torno da morte e do cemitério, por um lado, e da relação criança e cemitério, por outro.

No sentido de obtermos informação mais enriquecida e abrangente sobre o assunto, para além do critério idade, tomamos em consideração o grupo linguístico a que o informante chave pertence. Entrevistamos pessoas de quase todos os grupos linguísticos de Moçambique.

Para recolhermos informação a respeito das atitudes das crianças vendedoras de água, no exercício da sua actividade, recorremos à observação directa não participante com registo em diário de campo. Com o termo atitudes queremos referir-nos ao comportamento das crianças no que diz respeito ao cumprimento daquela que é considerada a conduta socialmente ideal perante um cemitério. Por exemplo, andar nos lugares apropriados para circular (passadeiras), não pisar as campas, respeitar a dor alheia, entre outros aspectos.

A dimensão comportamental contém questões relativas às atitudes e estratégias de trabalho das crianças vendedoras de água no exercício da sua actividade. Nesta dimensão, interessa-nos sobretudo a conduta das crianças no processo da venda de água, isto é, a forma como se comportam perante as campas e perante as pessoas que acompanham o cortejo fúnebre ou que vão visitar as campas dos seus ente queridos.

Para além da observação directa não participante, elaboramos um guião de entrevistas<sup>72</sup>, com perguntas semi-abertas, dirigido às crianças vendedoras de água. Uma parte do guião foi elaborada com base na dimensão representacional. Esta contém questões relativas às ideias, imagens e concepções que as crianças constroem em torno do cemitério. A outra parte do mesmo guião é composta por uma secção referente ao perfil das crianças.

A dimensão representacional contém questões relativas às ideias, imagens e concepções que as crianças vendedoras de água constroem em torno do cemitério. A partir desta dimensão pretendemos buscar, para além das representações socialmente partilhadas sobre o cemitério, aquelas representações que as crianças constroem em função da familiarização com o cemitério, por um lado, e das actividades que realizam no cemitério, por outro.

A nossa amostra é constituída por 20 entrevistados, com idades compreendidas entre os seis (6) e dezasseis (16) anos. Em termos de idade a amostra encontra-se distribuída da seguinte maneira: cinco (5) dos entrevistados possuem idades abaixo dos dez (10) anos; onze (11) têm

---

<sup>72</sup> Para a realização das entrevistas tivemos apoio dos colegas e amigos do Curso de Sociologia (Ana, Palmira, Filipe, Elton, Celio)

idades compreendidas entre os dez (10) e doze (12) anos; quatro (4) têm idades entre treze (13) e dezasseis anos (16).

### 5.1. Constrangimentos da Pesquisa

Durante a realização das entrevistas tivemos dois constrangimentos, nomeadamente:

- ✓ As crianças com idades abaixo de 10 anos de idade apresentaram muitas dificuldades ao responder as questões relativas às ideias ou imagens que têm sobre o cemitério, razão pela qual esta faixa etária não consta nas transcrições feitas na secção da apresentação dos resultados do trabalho de campo.
- ✓ As crianças, no geral, mostraram uma certa resistência em responder às questões que lhes eram colocadas, alegando a falta de tempo para tal. Eis alguns exemplos daquilo que diziam para fugir dos entrevistadores: “ .... *a nós não nos interessa o recenseamento que estão a fazer, o que nós queremos é dinheiro. Vocês têm algum dinheiro para nos dar? Vocês recebem por fazer isso e vem aqui para nos fazer perder tempo, nós paramos de trabalhar para atendermos os vossos caprichos e nada recebemos em troca...*”

Como forma de superarmos este último constrangimento, os entrevistadores<sup>73</sup> tiveram que simular tratarem de clientes interessados em comprar água. Chamavam as crianças e diziam que estavam interessados em comprar a água, pagavam os dois mil meticais (2000,00 Mts) que as crianças cobravam por cada vasilhame de 5 (cinco) litros e só depois informavam que não estavam interessados pela água mas sim em ter uma conversa. As crianças acataram a ideia porque saíam a ganhara. Ficavam com os dois mil meticais (2000,00 mts) e voltavam a vender a água aos clientes realmente interessados em fazer o uso da água.

Terminado o trabalho de campo, seguiu-se à fase da apresentação e discussão dos dados recolhidos e à elaboração do presente relatório.

---

<sup>73</sup> Dos quais a autora deste trabalho faz parte.

## 6. Apresentação e discussão dos resultados

Nesta secção propomo-nos a apresentar os resultados empíricos, fruto da observação directa e das entrevistas, a partir dos quais vamos fazer a confrontação com as hipóteses da pesquisa. Em primeiro plano, vamos apresentar o panorama geral dos fenómenos correntes no cemitério São José de Lhanguene, dando maior enfoque aos fenómenos relacionados com as crianças vendedoras de água. Em segundo lugar, passamos a apresentar dados recolhidos através das entrevistas feitas às crianças vendedoras de água.

### 6.1. Fenómenos correntes no cemitério São José de Lhanguene

A partir da observação directa constatamos que o cemitério de Lhanguene é palco da prática de algumas actividades de sobrevivência, por parte de alguns populares, tanto no exterior assim como no seu interior.

No exterior do cemitério, a venda de flores, a lavagem e guarnição de automóveis dos utentes do cemitério, constituem as principais actividades exercidas. A lavagem e guarnição de automóveis são actividades exercidas, geralmente, por jovens. A venda de flores é uma actividade exercida por crianças de ambos os sexos, mulheres e homens.

Para além da venda de flores, lavagem e guarnição de automóveis aparecem, no exterior do cemitério, alguns ambulantes a vender jornais e pequenos artigos como lenços de mão, cortanhas, canetas, entre outros.

Os ambulantes, como denota o próprio nome, movimentam-se de um lado para o outro a vender os seus produtos. Os vendedores de flores possuem lugares constantes para guardar e vender os seus produtos. Mas, aqueles movimentam-se de vez em quando para chamar e aliciar os clientes no sentido de comprar as flores.

Os lavadores e guardas de carros possuem um espaço fixo para o exercício da sua actividade. Encontram-se concentrados nos parques de estacionamento do cemitério. Ao se aperceberem da chegada de uma viatura correm ao seu encontro a fim de oferecer os seus serviços ao proprietário da mesma.



No interior do cemitério, vender água, lavar e cuidar das campas, constituem as principais actividades exercidas. Duma forma geral, estas actividades são exercidas por crianças, na sua maioria do sexo masculino. Notamos fraca participação de crianças do sexo feminino no exercício daquelas actividades.

Para além das crianças, existem jovens a vender água, a lavar e cuidar das campas. Porém, estes apresentam-se em número reduzido em relação às crianças.

Após termos apresentado, resumidamente, o panorama geral das actividades de sobrevivência exercidas no cemitério de Lhanguene, vamos em seguida apresentar fenómenos que ocorrem em torno do nosso objecto em análise – as crianças vendedoras de água.

As crianças, para além de vender água, lavam as campas, cuidam das plantas que se encontram nos vasos das campas, limpam e pintam as campas.

## **6.2. Relação criança e utente no exercício da actividade de venda de água.**

Nesta secção pretendemos descrever a forma como as crianças abordam os seus clientes, as estratégias de trabalho e as modalidades de pagamento dos seus serviços.

Quando as crianças dão-se conta da presença de pessoas no cemitério, logo, apressam-se e dirigem-se a elas e perguntam se precisam de água. Para além de vender água, as crianças oferecem-se a lavar, pintar e limpar<sup>74</sup> as campas; plantar relva e cuidar das plantas existentes nas campas.

Para angariar mais clientela, as crianças andam às correrias quando vão e voltam das torneiras onde tiram água. Portanto, constatamos que neste processo de ida e volta às torneiras acabam andando pelos sítios não adequados para circular no cemitério. Não circulam nas passadeiras, saltam ou pisam as campas. As crianças circulam fora das passadeiras, também, ao se aperceberem que estão sendo solicitadas por algum cliente que se encontra distante delas. Portanto, para não perder a clientela, as crianças andam às correrias e não seguem as passadeiras.

---

<sup>74</sup> Para o caso das campas feitas de mármore.

Em suma, andar às correrias, saltar ou pisar as campas, constituem algumas estratégias adoptadas pelas crianças para angariar mais clientes e, conseqüentemente, aumentar a receita do dia.

As estratégias adoptadas pelas crianças, no exercício das suas actividades, contrariam o comportamento socialmente considerado ideal no cemitério. As crianças vendedoras de água, conscientes ou não do comportamento socialmente considerado ideal no cemitério, agem apenas em função das actividades que exercem. Portanto, andar às correrias, circular fora das passeadeiras e saltar as campas, constituem estratégias adoptadas pelas crianças para angariar clientes e maximizar as receitas do dia.

No que diz respeito ao preço que se paga pela quantidade de água e pelos serviços (lavar e pintar campas, plantar relva e cuidar das plantas) prestados, não existem valores fixos. O valor a pagar depende muito da decisão dos clientes. Por exemplo, alguns clientes compram 5 litros de água por mil meticais (1000,00 Mt), enquanto que outros acatam os dois mil meticais (2.000,00 Mt) marcados pelas crianças.

Quanto aos serviços (lavar e pintar campas, plantar relva e cuidar das plantas), existem duas modalidades de pagamento, nomeadamente: pagamento imediato após a prestação do serviço e os pagamentos semanal, quinzenal e mensal.

Na primeira modalidade (pagamento imediato), a criança presta o serviço na presença do cliente. Quando termina, o cliente paga o montante antes combinado e aceite pela criança. Esta modalidade de pagamento é mais frequente nos casos em que os clientes não possuem nenhum “contrato” com a criança que vende água. Nesse caso, o cliente compra a água e pede a mesma criança para lavar a campas. No valor a pagar pela água inclui o valor correspondente ao serviço prestado.

Na segunda modalidade (pagamento semanal, quinzenal e mensal), o cliente procura uma criança permanente para cuidar da campas do seu ente querido. Combinam, em seguida, o valor a pagar e o período findo o qual será efectuado o pagamento. A criança “contratada” é responsável por fazer a limpeza diária na campas, regar as plantas, plantar relva e pintar a campas. O cliente vai ao cemitério nos dias combinados para proceder o pagamento.

Em casos em que o cliente se esquece de honrar com o acordado no “contrato”, isto é, se houver morosidade no pagamento, as crianças tomam medidas tais como: desorganizar ou destruir os vasos existentes nas campas e destruir as plantas.

A reacção das crianças face aos clientes que não honram com os seus compromissos, contraria o comportamento socialmente considerado ideal no cemitério. Ao destruir os vasos e as plantas que se encontram nas campas, as crianças estão, sob o ponto vista das normas sócio-culturais, a dessacralizar o cemitério.

Ao tomar aquelas medidas, já mencionadas, as crianças não agem em função do comportamento socialmente considerado ideal no cemitério, mas sim em função do trabalho que estão a realizar.

### **6.3. Atitude das crianças vendedoras de água em relação ao comportamento socialmente considerado ideal no cemitério**

As crianças vendedoras de água comportam-se fundamentalmente em função do trabalho que realizam. A sua forma de ser e estar é orientada pelos objectivos que se propõem a alcançar. Para aquelas crianças o que está em jogo é ganhar dinheiro, daí que são poucas as vezes que se mostram interessadas em cumprir o mínimo das normas de conduta socialmente exigidas no cemitério. Por exemplo, quando se trata de correr atrás dos clientes não andam pelas passadeiras, saltam ou pisam as campas.

Nos tempos livres, isto é, quando aguardam pela chegada dos clientes, as crianças brincam à vontade chegando até a atirar-se pedras umas às outras, mesmo estando entre as campas. Trocam gracinhas, gritam e correm de um lado para o outro. Algumas crianças usam as campas de mármore como tabuleiros de “jogo de moeda”<sup>75</sup> (“cara ou coroa”). Ao transformar uma campa num tabuleiro de jogo, as crianças constroem uma outra ideia ou imagem sobre a campa, por um lado, e sobre o cemitério, por outro. A campa, no entender das crianças, deixa de ser campa como tal e passa a ser um tabuleiro de jogo. O cemitério deixa de representar lugar de dor e sofrimento e passa ser um lugar onde se pode brincar, jogar, divertir-se e ganhar dinheiro.

---

<sup>75</sup> Jogo que consiste em uma das partes (pode ser uma criança ou mais) atirar uma moeda para o espaço de modo a que aquela volte a cair num tabuleiro, depois a moeda é tapada pela mão. A outra parte tenta adivinhar a face visível da moeda (cara ou coroa). O vencedor do jogo leva como prémio valor monetário pré-determinado pelos participantes do mesmo.

As crianças vendedoras de água fazem do cemitério um espaço normal onde, para além de trabalharem, brincam, divertem-se trocando gracinhas. As crianças, de certa forma, mostram – se insensíveis à dor alheia. O que interessa a elas é o cumprimento ou a realização das suas actividades. Por exemplo, Fonseca<sup>76</sup>, uma das crianças entrevistadas, de 16 anos de idade, dizia: “ ... vendo água a 3 (três) anos, estou habituado, por isso, o cemitério é um lugar normal como outro qualquer. Até há pessoas, residentes no espaço do cemitério, que ficam aqui no período nocturno a beber álcool. Algumas pessoas roubam mármore das campas à noite”.

Em casos em que há disputa por um cliente, as crianças chegam a insultar-se ou mesmo trocar socos em pleno cemitério.

A atitude das crianças vendedoras de água, duma forma geral, entra em contraste com o comportamento que é socialmente considerado ideal no cemitério. Por exemplo: não falar em voz alta, não andar às correrias, não brincar, não pisar ou saltar as campas, entre outros aspectos.

#### **6.4. Representações construídas pelas crianças em torno do cemitério**

Nesta secção propomo-nos a descrever as representações que as crianças vendedoras de água constroem em torno do cemitério. Em outras palavras, pretendemos demonstrar a forma como as crianças vendedoras de água pensam sobre o cemitério, a imagem e as percepções que elas têm sobre o cemitério.

Sendo as representações sociais interpretações quotidianas da realidade feitas por actores sociais vivendo num determinado contexto, antes de descrevermos as representações que as crianças vendedoras de água constroem em torno do cemitério, vamos apresentar o perfil das crianças. O perfil das crianças, no nosso entender, faz parte do contexto social em que as crianças constroem as representações sobre o cemitério.

---

<sup>76</sup> Os nomes que aparecem nas transcrições não são os verdadeiros das crianças entrevistadas. Para manter a confidencialidade, substituímos os verdadeiros nomes pelos que aparecem no texto.

Parafrazeando Valá (1986) e Ribeiro (2000), a especificidade de cada grupo<sup>77</sup> contribui para a especificidade das suas representações. Em outros termos, as representações sociais são construídas por actores sociais vivendo num determinado contexto social. Portanto, as representações sociais são passíveis de ser reconstruídas ou reformuladas em função do contexto em que os actores sociais vivem.

#### 6.4.1. Breve perfil das crianças entrevistadas

Durante a realização do trabalho de campo entrevistamos 20 crianças com idades compreendidas entre os 6 (seis) e os 16 (dezasseis) anos de idade. Do total das crianças entrevistadas apenas uma é do sexo feminino.

A maioria esmagadora das crianças entrevistadas reside no bairro Luís Cabral, nas células que se localizam no espaço pertencente ao cemitério. Em termos percentuais, as crianças residentes nas células do bairro Luís Cabral correspondem a 85% do total das crianças entrevistadas. As restantes crianças (15%) são oriundas dos bairros Chamanculo e Inhagoia. 70% das crianças (correspondente a 14 crianças) entrevistadas frequenta a escola. O seu nível académico varia entre 2ª classe a 6ª classe. As restantes crianças nunca frequentaram a escola. As crianças que nunca frequentaram a escola apontam a falta de condições financeiras como sendo a razão da sua exclusão à educação formal a que as outras crianças têm acesso.

O tempo em que as crianças se encontram a vender água no cemitério varia entre os 6 meses a 5 anos. 50% das crianças (correspondente a 10 crianças) encontra-se a vender água a 5 anos. 20% das crianças (correspondente a 4 crianças) está a vender água a 3 anos. Outros 20% (4 crianças) estão a vender água a 1 ano. E por fim, 10% das crianças (correspondente a duas crianças) vende água a 6 meses.

Na sua maioria, as crianças entrevistadas são oriundas de famílias cuja fonte de rendimento se resume na prática de algumas actividades domésticas de sobrevivência. As pessoas com quem

---

<sup>77</sup> Não entendemos o grupo no sentido sociológico do termo. Mas no sentido de pessoas, que conscientes ou não, vivem uma situação comum.

as crianças vivem são praticantes de actividades domésticas de sobrevivência tais como por exemplo: venda de produtos alimentares de “primeira necessidade”<sup>78</sup> e prática da agricultura. Das crianças entrevistadas, apenas duas vivem sozinhas. São “donas de si próprias”. São, ao mesmo tempo, crianças e chefes de família. Vivem das receitas da venda de água.

As crianças vendedoras de água apontam a necessidade de dinheiro para ajudar a custear as despesas da família e satisfazer caprichos individuais como sendo os motivos que levam a vender água no cemitério. Eis alguns exemplos:

Gomes, de 13 anos de idade, sem nenhum nível de escolaridade, residente no bairro Luís Cabral, disse o seguinte: *“vivo com a minha avó que não trabalha, estou aqui a vender água para ajudar a ela a comprar comida e roupa”*.

Júlio, de 12 anos de idade, sem nenhum nível de escolaridade, residente no Bairro Chamanculo, proferiu o seguinte: *“(...) vivo apenas com o meu irmão mais velho que é vendedor ambulante. Não tenho pai nem mãe, tenho que fazer este trabalho para ajudar o meu irmão a comprar roupa e comida”*.

Rui, de 11 anos de idade, residente no bairro Luís Cabral, frequenta a 5ª classe, disse: *“vivo apenas com a minha mãe e ela só trabalha na machamba. Tenho que vender água para ter dinheiro e ajudar a minha mãe a comprar material escolar para mim. (...). O outro dinheiro da venda de água utilizo para comprar roupa e lanche na escola”*.

Betinho, de 11 anos de idade, residente no bairro Luís Cabral, frequenta a 4ª classe, disse: *estou a vender água para ter dinheiro e comprar lanche na escola. (...) a minha mãe não sabe que eu vendo água no cemitério, às vezes quando me encontra com dinheiro digo que foi me oferecido por algum amigo”*

A iniciativa de vender água, para a maioria das crianças, partiu das próprias crianças ao invés dos seus pais ou das outras pessoas mais velhas com quem vivem. Porém, os pais ou as pessoas mais velhas com quem as crianças vivem, apesar de não serem os mandatários,

---

<sup>78</sup> Por exemplo tomate e cebola (vendidos aos montinhos), peixe e pão.

concordam com a prática da actividade por parte das crianças. A título de exemplo temos o seguinte:

Elisabeth, de 10 anos de idade, residente no bairro Luís Cabral, frequenta a 2ª classe, disse:

*“em casa não temos dinheiro, eu vendo água para ajudar a minha mãe porque ela não trabalha. Ela sabe que eu vendo água no cemitério (...) porque eu disse e ela aceita o dinheiro que levo para casa....”*

Edivaldo, de 10 anos de idade, residente no bairro Luís Cabral, não possui nenhum nível de escolaridade, disse: *“comecei a vender água para ajudar os meus pais a comprar roupa e comida para mim e para os meus irmãos. Conheci este sítio através de um amigo que me levou para aqui. Informei aos meus pais que o dinheiro que levo para casa provém da venda de água”*.

Bernardo, de 12 anos de idade, residente no bairro de Inhagoia, com 4ª classe, respondeu do seguinte modo: *“quando perdi a matrícula, neste ano, resolvi vender água para ajudar a minha mãe e a minha avó nas despesas de casa. Com o dinheiro da venda de água a minha mãe compra roupa e comida”*.

#### **6.4.2 Representações construídas pelas crianças em torno do cemitério**

A partir da análise da informação colhida na base das entrevistas, constatamos a existência de dois níveis a partir dos quais as crianças vendedoras de água constroem representações em torno do cemitério.

O primeiro nível tem a ver com às actividades que as crianças exercem no cemitério, nomeadamente: vender água, lavar e pintar campas, plantar relva e cuidar das plantas existentes nos vasos que se encontram sobre as campas. É de salientar que entre as mais variadas actividades que as crianças exercem, a venda de água constitui a principal actividade que leva as crianças ao cemitério. As restantes são tidas como complementares, isto é, as crianças exercem-nas nos tempos em que não existem clientes que necessitam de água. Algumas crianças apenas se concentram na venda de água, isto é, não chegam a exercer outras actividades complementares.

Do ponto de vista das actividades que as crianças exercem, o cemitério representa um local de trabalho, um lugar onde, nos “tempos livres”, ficam a conversar, a jogar e a brincar com os amigos, lugar onde, quando possível, trocam gracinhas.

As crianças ao representar o cemitério como local de trabalho, de diversão ou de entretenimento (“nos tempos livres”), adoptam uma série de estratégias e modos de comportamento próprios que correspondem à representação que constroem em torno do cemitério. Por exemplo, para angariar mais clientes andam às correrias, saltam ou pisam as campas. Nos “tempos livres” lançam-se pedras umas às outras, falam em voz alta, trocam gracinhas, jogam, brincam, etc.

As actividades que as crianças realizam no cemitério criam condições para que elas se familiarizem com o cemitério e o encarem como um lugar normal (lugar onde se pode brincar, jogar e conversar).

Ao perguntarmos às crianças o que achavam do facto de estarem a vender água no cemitério, responderam-nos nos seguintes termos:

Aderson, de 11 anos de idade, disse: *“considero boa a actividade de vender água porque me permite obter dinheiro para comprar cadernos e continuar a estudar. (...) estou acostumado, para mim, o cemitério é um lugar normal onde vou trabalhar, brincar e conversar com os meus amigos”*.

Domingos, de 12 anos de idade, disse: *“vender água no cemitério é normal, já estou acostumado. O cemitério é, para mim, o meu serviço, é aqui onde consigo dinheiro para ajudar em casa a comprar comida e roupa”*.

Bernardino, de 14 anos de idade, respondeu o seguinte: *“vender água no cemitério é uma ocupação normal para mim. Consigo dinheiro para comprar roupa e comida. Desta forma evito roubar. (...) já estou acostumado de estar aqui por isso não sinto o mesmo medo que sentia nos primeiros dias em que comecei a vender água.*



O segundo nível a partir do qual as crianças constroem representações em torno do cemitério está ligado às ideias e imagens que são socialmente construídas e difundidas sobre o cemitério.

Apesar do facto de as crianças vendedoras de água representarem o cemitério como um lugar de trabalho, lugar onde, quando podem, convivem e brincam com os amigos, possuem uma outra representação sobre o local. As crianças têm em mente a noção de que o cemitério é um lugar sagrado e por este facto precisa de ser respeitado. É um lugar onde são enterrados os mortos e representa um lugar de dor e sofrimento para as pessoas que vão enterrar os familiares e visitar as campas.

Ao responder à questão o que significa um cemitério, as crianças apresentaram as ideias ou imagens que têm sobre o cemitério nos seguintes moldes:

Lourenço, de 11 anos de idade, disse: *“o cemitério é o lugar onde se enterram pessoas mortas, lugar onde algumas pessoas vão visitar as campas dos seus familiares. É um lugar onde as pessoas choram ao se recordar dos seus familiares que morreram. O cemitério é um lugar que deve ser respeitado por todos”*.

António, de 12 anos de idade, disse: *“o cemitério é o lugar onde se enterram pessoas mortas, lugar onde as pessoas visitam as campas dos seus familiares. O cemitério é um lugar que deve ser respeitado por qualquer um porque é o lugar onde são enterradas pessoas mortas. Não é bom correr no cemitério, pisar as campas, brincar e falar em voz alta”*.

Albertino, de 13 anos de idade, disse: *o cemitério é onde são enterrados os mortos, lugar onde as pessoas vão visitar as campas dos seus familiares. Acho que o cemitério é um lugar que devia ser respeitado. Por exemplo: as pessoas não deviam brincar dentro do cemitério, não deviam se insultar nem discutir”*.

Álvaro, de 11 anos de idade, disse o seguinte: *“o cemitério é um lugar de dor e sofrimento porque é o lugar onde se enterram os mortos e se faz a visita às campas. Por isso o cemitério deve ser respeitado. Não se devia provocar barulho nem correr no cemitério. Nós que estamos a vender água não devíamos pisar as campas porque podemos ficar com azar caso os espíritos dos mortos se zanguem”*.

Duma forma geral, neste nível, as crianças vendedoras de água consideram o cemitério como sendo um lugar sagrado, lugar que representa dor e sofrimento para os enlutados, lugar que deve ser respeitado pelas pessoas que por lá passam. Portanto, correr, pisar ou saltar as campas, falar em voz alta, consideram atitudes que desrespeitam ou dessacralizam o cemitério.

## 7. Conclusão

O presente trabalho procurou, baseado na teoria de representações sociais de Serge Moscovici, dar uma possível explicação a um fenómeno social novo que ocorre no cemitério São José de Lhanguene, na cidade de Maputo. O trabalho visa necessariamente responder às seguintes inquietações:

- ✓ Por que razão, apesar do cemitério ser socialmente considerado lugar de dor e tristeza e não adequado às crianças, constatamos a sua presença (a vender água) no cemitério de Lhanguene?
- ✓ Que representações as crianças vendedoras de água constroem em torno do cemitério?

O objectivo central do trabalho consiste em descrever as representações construídas pelas crianças vendedoras de água em torno do cemitério.

As hipóteses do trabalho foram as seguintes:

- ✓ Existem motivos comuns que levam as crianças a vender água no cemitério de Lhanguene.
- ✓ A familiarização com o cemitério e as actividades que as crianças realizam, concomitantemente, influenciam na forma como as crianças constroem outras representações em torno do cemitério.

Prosseguindo com o propósito do trabalho recorreremos à observação directa e às entrevistas, instrumentos a partir dos quais recolhemos os seguintes resultados:

- ✓ As crianças vendedoras de água apontam a necessidade de dinheiro para ajudar a custear as despesas da família e satisfazer caprichos individuais, como sendo os motivos que levam a vender água no cemitério.
- ✓ Sendo as representações sociais ideias, noções ou imagens a partir das quais se pode pensar sobre uma determinada realidade, constatamos dois níveis de percepção a partir dos quais as crianças vendedoras de água constroem representações sobre o cemitério.
- ✓ O primeiro nível a partir do qual as crianças constroem representações sobre o cemitério tem a ver com as actividades que realizam dentro do cemitério,

nomeadamente: vender água, lavar e pintar campas, plantar relva e cuidar das plantas existentes nos vasos que se encontram sobre as campas. Do ponto de vista destas actividades que as crianças realizam, o cemitério representa um local de trabalho; uma fonte de rendimento; lugar onde, nos tempos livres, se pode brincar, jogar, conversar e até trocar gracinhas.

- ✓ Ao representar o cemitério como local de trabalho, de diversão ou de entretenimento (nos “tempos livres”), as crianças adoptam uma série de estratégias e modos de comportamento que correspondem às representações em causa. Por exemplo, para angariar mais clientes e consequentemente mais receitas para o dia, as crianças andam às correrias, saltam ou pisam as campas. Nos “tempos livres”, em plena brincadeira, as crianças lançam-se pedras umas às outras, falam em voz alta, trocam gracinhas, contam anedotas e lançam gargalhadas. Existe ainda o caso de crianças que brincam e jogam sobre as campas.
- ✓ O segundo nível a partir do qual as crianças representam o cemitério diz respeito às interpretações socialmente construídas e difundidas em torno do cemitério. Não obstante o facto de as crianças vendedoras de água representarem o cemitério como local de trabalho, lugar onde se pode conversar e brincar, elas possuem uma outra forma de representar o cemitério. As crianças partilham da sociedade a noção de que o cemitério é um lugar sagrado e que por esse facto devia ser respeitado. É um lugar onde são enterrados os mortos e, portanto, representa lugar de dor e sofrimento para as pessoas que vão enterrar os seus familiares e visitar as campas.
- ✓ Sob este ponto de vista, duma forma geral, as crianças vendedoras de água consideram o cemitério como sendo um lugar sagrado, que devia ser respeitado pelas pessoas que por lá passam. Ao representar o cemitério nestes moldes, as crianças consideram que correr, pisar ou saltar as campas, falar em voz alta, constituem atitudes que desrespeitam a sacralidade do cemitério.

Podemos considerar como confirmadas as hipóteses do trabalho.

Por um lado, constatamos que as crianças apontam a necessidade de dinheiro para ajudar a custear as despesas familiares e satisfazer caprichos individuais, como sendo os motivos que as levam a vender água. Por outro lado, constatamos que em função das actividades que as

crianças praticam e da familiarização com o cemitério, consideram o cemitério como sendo local de trabalho, lugar onde se pode brincar e conversar. Sendo assim, as crianças vendedoras de água constroem uma outra imagem em torno do cemitério. Mas, num outro nível de percepção, as crianças compartilham da interpretação socialmente construída segundo a qual o cemitério é um local sagrado que deve ser respeitado e que acarreta uma série de formalidades a seguir. Por exemplo, não falar em voz alta, não pisar ou saltar as campas, não correr, entre outras.

**Referências Bibliográficas**

- ALEXANDRE, Marcos (2004). *Representações Sociais: uma genealogia do conceito*. In: [www.Scielo.br/n12/a-n12a4.htm](http://www.Scielo.br/n12/a-n12a4.htm) (acedido em 22/09/05).
- AMARAL, Manuel Gama (1990). *O Povo Yao: subsídios para o estudo de um povo do noroeste de Moçambique*. Lisboa.
- AMARAL, Wanda do (1999). *Guia para apresentação de teses, dissertações, trabalhos de graduação*. 2ª edição. Maputo: Livraria Universitária.
- BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas (1996). *A Construção Social da Realidade*, Vozes.
- BIESANZ, John. & BIESANZ, Mavis. (1972). *Introdução à Ciência Social*. São Paulo: Nacional.
- CHARTIER, Roberto. (1990). *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- COHEN, Bruce Jerome (1980). *Sociologia Geral*. São Paulo. McGraw-Hill.
- ADMINISTRAÇÃO DE CIRCUNSCRIÇÃO DOS MUCHOPES (1912). *Usos e Costumes dos Bitongas*.
- DA CUNHA, Paulo Ferreira. (1983). *Max Weber: Fundamentos da Sociologia*, 2ª edição, Porto: Rés – Editora.
- FERREIRA, João Asterio de Azevedo Vasques. (1960). *Usos e costumes dos Senas*.
- HOROCHOVSKI, Marisete. T. H. (2004). *Representações Sociais: delineamentos de uma categoria Analítica*. In: [www.emtese.ufsc.br](http://www.emtese.ufsc.br) (acedido em 19/08/05).
- HUO, Teles & MACAMO, Elísio (2005). *Como aprender a estudar*. Maputo: Imprensa Universitária.
- JUNOD, Henry A.(1996). *Usos e Costumes dos Bantus*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique.
- LAKATOS, Eva M.& MARCONI, Marina de A. (1999). *Sociologia Geral*, 7ª edição, São Paulo: Editora Atlas.
- MACAMO, Elísio. (2004). *A Leitura Sociológica: Um Manual Introdutório*. Maputo: Imprensa Universitária.
- MADEIRA, Alfredo A. Durão. (1951). *População Indígena de Gorongosa*. Lourenço Marques.
- MARTINEZ, Francisco Lerma. (1989). *O Povo Macua e sua Cultura*. Roma: Instituto de Investigação Científica Tropical.

- MEIJIA, Margarida. et al. (2004). *Não Sofrer Caladas. Violência Contra Mulheres e Crianças: denúncia e gestão de conflitos*. Maputo: WLSA Moçambique.
- MINAYO, Maria C. (1994). *As Representações Sociais e o Imaginário sobre a Cultura*, 3ª edição, São Paulo.
- (1996). O conceito de Representação Social dentro da Sociologia Clássica. In: GUASRESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (org). *Textos em Representação Social*. Petrópolis: Vozes.
- MMCAS & UNICEF (2001). *Direitos e Realidades da Criança Moçambicana no Início do Novo Milénio*. Maputo.
- MOSCOVICI, Serge (1969). *Preface*. In: C. Herzlich. *Santé et Maladie*. Hague: Mouton.
- QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Lucvan. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- RIBEIRO, Gabriel S. M. (2000). *As Representações Sociais dos Moçambicanos. Do Passado Colonial à Democratização: Esboço de Uma Cultura Política*. Instituto de Cooperação Portuguesa.
- ROCHER, Guy (1999). *Sociologia Geral: Acção Social*, vol.1, 6ª edição, Lisboa: Editorial Presença.
- RUSCHEINSKY, Aloísio. (2000). *Educação Ambiental: A Produção do Sujeito e a Questão das Representações Sociais*. In: [www.representação%20social%20e%20educação%20ambiental](http://www.representação%20social%20e%20educação%20ambiental) (acedido em 17/05/05).
- VALÁ, Jorge. (1986). *Sobre as Representações Sociais: Para Uma Epistemologia do Senso Comum*. In: *Cadernos de Ciências Sociais*, nº04, Porto: Afrontamento.
- XAVIER, Roseane (2002). Social representation and ideology: interchangeable concepts? In: [www.Psicologia%20&%20Sociedade%20-%20bSocial%20representati%concept...](http://www.Psicologia%20&%20Sociedade%20-%20bSocial%20representati%concept...)

### Outras fontes

- Jornal Notícias. "*Mais de dez mil corpos exumados no Lhanguene*", Jornal Notícias, 20 de Dezembro de 2004, 01.
- Telejornal da noite da STV, *notícia alusiva ao dia da criança africana*, 20 de Junho de 2005.
- Conselho Municipal de Maputo. *Inquérito sobre o levantamento dos bens das famílias da Célula "I" no Bairro Luís Cabral*, realizado em 22/01/01.
- *Informação sobre o cemitério de Lhanguene e do novo cemitério de Magoanine*, 12/10/01.

----- *Informação sobre a expansão do cemitério de Lhanguene, 06/05/02.*



ANEXOS

## Anexo1

### Guião de entrevistas exploratórias

1. Na sua opinião o que significa um cemitério?
2. De acordo com a sua experiência quotidiana, as crianças são ou não permitidas a frequentar os cemitérios? Justifique a sua posição.
3. A partir de que idade alguém é permitido a assistir aos funerais ou frequentar ao cemitério?
  - a) Porquê?

1.1

2.

3a.

3

1.1.1

2.

3a.

3

1.

## Anexo 2

### Grelha de observação

#### Dimensão Comportamental

##### **Indicadores/Tópicos**

1. Atitude das crianças vendedoras de água em relação ao comportamento socialmente considerado ideal no Cemitério.
2. Caracterização da relação criança e utente no processo da venda e compra da água.
3. Modos e estratégias de trabalho.

Anexo 3

**Guião de entrevista**

**Dimensão representacional**

**Dados Sócio demográficos**

<b>Nome (facultativo)</b>	
<b>Sexo</b>	
<b>Idade</b>	
<b>Nível académico</b>	
<b>Residência (Bairro e Célula)</b>	/

1.Com quem vive?

2.Que ocupações têm as pessoas com quem vive?

a) Mãe.....

b) Pai.....

c) Outros.....

3.Há quanto tempo (semana, mês, ano) vende água no cemitério?

.....

4. Por que motivos/razões está a vender água?

5. Para que fins se destinam as receitas da venda de água?

6. Está a vender água por iniciativa própria ou a mando de alguém?

a) Iniciativa própria..... b)A mando de alguém.....

b)Se for a mando de alguém, indique o grau de parentesco.....

c) Indique os fins para os quais se destinam as receitas da venda de água.

7. O que acha da actividade da venda de água?

a) Má. Indique as razões.

b) Boa. Indique as razões.

8.O que faz nos tempos sem enterros (12h-14h)?

9. No seu ponto de vista, o que significa um cemitério?
10. Na sua opinião, como é que as pessoas deviam se comportar perante o cemitério?
11. Tem medo ou receio de vender água no cemitério?
- a) Sim...../Não..... Indique as razões.
12. Para além da venda de água, já realizou outra actividade no cemitério? Indique-a.
13. Para além de vender água, que outras coisas costuma fazer no cemitério?
- a) Brincar.....
- b) Ajudar a tirar água para fins domésticos.....
- c) Outras.....

Obrigada.

#### Anexo 4

Nr de entrevistados	
Idade (anos)	Frequência
6	1
7	2
8	1
9	1
10	2
11	5
12	4
13	2
14	1
15	0
16	1
17	0
	20

Fontes de rendimento das famílias dos entrevistadas		%
Fonte de rendimento	Frequência (nr. de crianças)	
Actividades domesticas de sobrevivência <sup>1</sup>	14	70%
Emprego formal	6	30%
	20	100%

---

<sup>1</sup> Esta categoria inclui trabalho da machamba; venda de produtos alimentares como tomate, cebola, coco, peixe (aos montinhos).

---

Motivo da venda de agua	Frequência (nr. de crianças)	%
Ajudar nas despesas da família	19	95%
Satisfazer caprichos individuais	1	5%
	20	100%

### Representações construídas em torno do cemitério

Nota: das 20 crianças entrevistadas, 15 responderam as questões relativas às representações sobre o cemitério.

### Representações construídas em torno do cemitério em função da familiarização e das actividades que as crianças realizam

Ideias e imagens a partir das quais as crianças pensam sobre o cemitério	Frequência (nr de crianças)	%
O Cemitério é tido como local de trabalho, lugar normal onde se pode brincar, conversar, jogar, entre outras coisas profanas.	15	75%

### Representações que as crianças constroem em torno do cemitério em função das ideias socialmente construídas

Ideias ou imagens em função das quais as crianças pensam sobre o cemitério	Frequência (nr.de crianças)	%
O cemitério e um lugar onde se enterram os mortos, representa lugar de dor e tristeza, é um lugar que deve ser respeitado.	15	75%

**Anexo 5 ( Fotos)**



**Figure 1: crianças em plena actividade.**



**Figure 2: crianças contactando uma cliente.**



**Figure 3: criança no momento em que levantava as vasilhas de água.**



**Figure 4: criança falando com uma cliente.**





**Figure 5: esta menina está saindo do meio das campas em direcção a uma possível cliente.**